



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

PROJETO LEIA: LEITURA E AÇÃO LÚDICO-PEDAGÓGICA PARA CRIANÇAS

Uma experiência de formação em Pedagogia, via Extensão Universitária

JESSICA WANZELLER DA SILVA

BRASÍLIA - DF

2021

JESSICA WANZELLER DA SILVA

PROJETO LEIA: LEITURA E AÇÃO LÚDICO-PEDAGÓGICA PARA CRIANÇAS

Uma experiência de formação em Pedagogia, via Extensão Universitária

Trabalho Final de Curso apresentado à Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília - UnB, como exigência parcial para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia, sob a orientação do Prof. Dr. Rodrigo Matos de Souza.

BRASÍLIA - DF

2021

JESSICA WANZELLER DA SILVA

PROJETO LEIA: LEITURA E AÇÃO LÚDICO-PEDAGÓGICA PARA CRIANÇAS

Uma experiência de formação em Pedagogia, via Extensão Universitária

Trabalho Final de Curso apresentado à Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília - UnB, como exigência parcial para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Defendido e aprovado em 17 de fevereiro de 2021.

Banca examinadora composta pelos professores:

Prof. Dr. Rodrigo Matos de Souza (Orientador)
Faculdade de Educação/FE/UnB

Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses (Examinador)
Faculdade de Educação/FE/UnB

Prof. Dr. Renato Hilário dos Reis (Examinador)
Faculdade de Educação/FE/UnB

Prof. Dr. Tel Amiel (Suplente)
Faculdade de Educação/FE/UnB

Dedico este trabalho a todas e todos que exercitam uma
educação pública, inclusiva, equitativa, livre, laica,
universal, gratuita e de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por se fazer presente na minha vida, por permanecer comigo durante as minhas caminhadas e não me permitir desistir.

A minha mãe Izabel Cristina, as minhas tias Manjeca, Katinha, Kátia, Marta e Quinha (*in memorian*), e ao meu tio Júlio, pela minha criação, pela minha educação, por me aguentarem e estarem ao meu lado, por me rodearem desde cedo de amor verdadeiro. Minha família, minha base, meu abrigo.

As minhas irmãs Sthefani e Emily por serem revisoras e comentaristas da minha escrita e, porque apesar de todas as confusões e questões inclusas no ser irmã, encontramos um ponto em comum em que acreditamos: a luta pela educação.

A Bruna Wend, por ter compartilhado comigo grandes momentos dentro da UnB e fora dela, por me escutar nos meus surtos sobre esse trabalho e nas minhas crises com o mundo. A Universidade teve mais graça com você.

Aqueles que participaram de embates e debates comigo sobre a educação, que muito contribuíram para o meu aprendizado, mesmo quando as ideias mais divergiram que convergiram.

Ao professor Erlando Rêses, por nos apoiar com a criação do Projeto Leia e estar conosco nessa jornada. A professora Rosário Ribeiro e ao professor Luís Alves, por aceitarem mais uma parceria com a Universidade e também por se envolverem com o projeto e disponibilizarem a sede do Serpajus para as atividades. As crianças que participaram do Leia, que compartilharam seus sábados conosco e muito nos deram de carinho e aprendizado. E aquelas estudantes que se envolveram de coração com o projeto, fazendo com que ele desse certo. Em especial a Silvana, a Clébia, a Lauanda e a Morgana.

Aos professores e colegas que cruzaram meu caminho na Universidade, contribuindo para minha formação e transformação, profissional e pessoal. Em especial, ao professor Rodrigo Matos, por ter tido a sensibilidade de saber se eu iria entregar o único trabalho solicitado para nota da sua disciplina de Educação de Adultos, no 2º/2019. Depois, por me aceitar na matéria de verão para entregar esse trabalho que eu não havia feito. Também, por me aceitar como monitora em sua disciplina. E por fim, por concordar em ser meu orientador, por não

se opor a minha mudança de tema do trabalho e por ter tido paciência com o meu drama e com meu longo tempo de escrita.

A universidade pública e de excelência que é a Universidade de Brasília, que me permitiu sair da bolha que eu vivia, que me ensinou a pensar criticamente e questionar a realidade e que transformou minha vida para muito melhor.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”

Paulo Freire

RESUMO

Relata-se, nesta monografia, um pouco da história da criação do Projeto Leia em 2017, no Pedregal, bairro do município do Novo Gama/GO, do que tem sido feito ao longo dos anos e de que forma ele vem sendo organizado. A partir de um relato pessoal de experiência vivida no Leia, objetiva-se apresentar este projeto de extensão, desenvolvido em um ambiente não-formal de aprendizagem, como ferramenta potencializadora na formação das participantes: graduandas da Universidade de Brasília e crianças da comunidade. São apresentadas reflexões sobre as práticas e os seus efeitos na formação das educadoras e das crianças que tem garantido, através do projeto, o seu direito de acesso ao livro e à leitura. A escrita deste trabalho se deu por reflexões de uma experiência pessoal como participante do projeto e também através da análise de documentos de registro organizados pelas participantes ao longo dos semestres. São ainda apresentados desafios e possíveis caminhos para manutenção do projeto e a importância desse prosseguimento tanto para a comunidade como para a Universidade.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto Leia; Extensão Universitária; Leitura; Educação Não-Formal.

ABSTRACT

In this monography is reported a bit about Project Leia's beginning in 2017, what have been done in it during the years and how the project is organized. The Project Leia happens in the community of Pedregal and is developed as a non-formal education space. This University Extension Project is presented as a significant tool in the qualification of its participants: the future educators and the kids of the community. There are shown critical reflections about the practices and their effects on the guarantee of the children's right to access books and reading. Besides the personal experience report, this work was written over documents registered by all participants through the years. Challenges and possible ways through they are presented at the end of the monography. The prolongation of Project Leia is defended as important for both the society and the University.

KEYWORDS: Project Leia; University Extension; Reading; Non-formal Education.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Bazar Serpajus.....	37
Imagem 2 – Primeiro dia do Leia.....	38
Imagem 3 – Passeio à livraria Cultura.....	39
Imagem 4 – Criação de mudas na sede do Serpajus.....	42
Imagem 5 – Plantio de mudas no Ribeirão Santa Maria.....	42
Imagem 6 – Chapa vencedora das eleições no Leia.....	43
Imagem 7 – Divulgação do Projeto.....	44
Imagem 8 – Contação da história “A Revolta dos Livrinhos”.....	45
Imagem 9 – Contação da história “A Princesa e o Sapo e a higiene pessoal”.....	45
Imagem 10 – Contação da história “Faniquito e Siricutico no Mosquito”.....	46
Imagem 11 – Festa Junina do Leia.....	47
Imagem 12 – Plantio de mudas nas ruas do Pedregal.....	51
Imagem 13 – Sacolas artesanais pintadas pelas crianças.....	52

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	12
1. INTRODUÇÃO.....	20
2. CONTEXTUALIZANDO.....	22
3. E FOI ASSIM QUE TUDO COMEÇOU.....	25
4. A ORGANIZAÇÃO DO PROJETO.....	27
5. UM POUCO DO QUE FOI FEITO NESSES ANOS.....	37
6. DESAFIOS.....	54
7. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O QUE FOI DITO.....	58
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
ANEXO A – MEMÓRIA DO PROJETO LEIA DIA 17/08/2019.....	64

MEMORIAL

Meu nome é Jessica Wanzeller da Silva, nasci em Brasília, no dia 31 de março de 1992. Sou filha de Izabel Cristina Wanzeller da Silva, neta de José Jacinto da Silva (*in memorian*) e Almira Mendes da Silva (*in memorian*), e de Laerte Wanzeller da Silva, neta de Guilherme Alves da Silva e Alcina Wanzeller da Silva. Passei por alguns caminhos até ser estudante do curso Pedagogia na Universidade de Brasília. Venho de escola pública e se for para voltar para uma instituição escolar, é para ela que quero voltar como docente, como gestora, como agente transformadora de mudança. É pelo que trago dessa escola que quero retornar a esse lugar de onde eu vim, acreditando que é possível fazer diferente do que tem sido feito.

Minha vida escolar começou em uma dessas instituições particulares que ofertam a pré-escola, falo com orgulho que venho da rede pública porque não conto muito com esse período, foi muito curto. Então minha vida escolar “oficial” começa a contar a partir das histórias da Escola Classe 01 do Guará. Minha tia Manjeca conta que já entrei na escola alfabetizada, graças à estimulação que tive em casa, ao contato desde cedo com o mundo da leitura e da escrita. Minha mãe e minha tia terem o magistério ajudou muito na minha inserção escolar, estive em um ambiente muito propício para o meu desenvolvimento.

Não lembro muito de atividades formais específicas da escola, lembro brevemente do que acontecia nesse período da minha vida. Eu e minha irmã mais velha (ela também estudava lá) ficávamos durante a semana na casa dos meus avós paternos no Guará II, e no final de semana íamos para casa. Lembro do meu pai nos levando para escola, nas segundas saíamos cedo do Recanto das Emas para chegar na hora, dormíamos até com a roupa do uniforme para estarem quentinhas e também para não nos atrasarmos. Lembro da fisionomia da minha querida professora da 2ª série, a “tia” Marta. Lembro dos lanches que eram servidos na porta das nossas salas. Foi lá onde tive as primeiras aulas de informática naqueles computadores de tubo.

Como disse, minha irmã também estudava lá, ela se formou na 4ª série e chegou a hora de mudar de escola. Meus pais não quiseram que ela continuasse estudando no Guará, decidiram levá-la para o Plano Piloto e, com a ajuda da minha tia Mary Wanzeller (*in memoriam*) que era professora da Secretaria de Educação, conseguiram uma vaga para ela no Centro de Ensino Fundamental 01 de Brasília. O que tem a ver comigo? Ela indo para o Plano, eu não iria continuar estudando no Guará. Foi então que me despedi da minha antiga escola e fui parar na Escola Classe 305 Sul.

Desse período eu me recordo das horas cívicas “Atenção escola firme, saudação à bandeira firme!” e aquele tanto de criança em posição de sentido. Depois do hino: “Atenção escola firme, saudação à bandeira descansar!”, e as crianças derretendo como velas. Lembro do porteiro da escola “tio” Carlos, tenho a impressão que ele conhecia todas aquelas crianças e sabia com quem elas iam embora. Lembro da viagem de formatura da 4ª série, que fomos para um hotel fazenda aqui perto de Brasília. E também da minha formatura do Proerd - Programa Educacional de Resistência às Drogas.

Estudando lá, pude frequentar a Escola Parque da 308 Sul, uma vez por semana fazíamos atividades lá, até hoje está gravada na minha memória a oração que fazíamos antes do início das aulas “Senhor, Divino amigo das crianças e Príncipe da Paz, escutai as preces das crianças de Brasília. Fazei com que as nações e os povos se queiram bem. Desapareçam a discórdia e o ódio. E que no mundo inteiro se estabeleça o Vosso reino de amor, justiça e paz. Que assim seja.” Não eram só as crianças da 305 que iam para lá, então tivemos oportunidade de interagir com crianças de outras escolas. Praticávamos Educação Física, tínhamos oficinas de Artes Visuais e de Música, foi um período muito legal. Nessa época ainda morávamos com meus avós, quando meu pai nos buscava nas sextas-feiras sempre nos comprava um churrasquinho com refrigerante, e quando era dia da Escola Parque, ele comprava pizza na pizzaria Dom Bosco, era muito bom.

Dois fatos que me remetem à 305 Sul aconteceram na UnB. Primeiro: eu encontrei e tive o privilégio de estudar com a autora de um livro que eu fiz apresentação naquela época, o livro se chama “Uma joaninha diferente”, de Regina Célia de Melo, que fantástico esse encontro. Em que lugar do mundo eu teria essa

oportunidade? O segundo, esbarrei algumas vezes nos corredores da Faculdade de Educação com a minha professora da 2ª série e, pelo que me falaram, foi graças a ela junto e a minha tia Mary que aconteceu minha transferência para o Plano.

Em 2003 entrei no C.E.F 01 BSB ou 106 Sul e foi lá que passei quatro anos da minha vida, uma nova fase, construir novas amizades, uma tarefa sempre difícil para mim. Eu me lembro que nessa época meus pais já estavam separados, ele não morava mais com a gente, saímos da casa dos nossos avós e passamos a ir para a escola de ônibus sozinhas (falo no plural porque minhas irmãs também estudavam no Plano).

Tem uma história sobre essa fase que não posso deixar de mencionar, eu estudava a tarde no C.E.F 01 e minha irmã mais nova, no mesmo turno, na E.C. 305 Sul. Acabava minha aula e eu ia encontrá-la em sua escola para que minha mãe nos buscasse, ela fez isso todo santo dia. Tinha dia que ela demorava e éramos as últimas a sair da escola, mas o “tio” Carlos ficava com a gente. Ir para casa era uma viagem. Minha mãe foi muito forte (e é forte até hoje), encarou a barra de criar três filhas sozinha, ela se preocupava até em levar lanche para comermos dentro do ônibus.

Na 106, vivi momentos incríveis, conheci professores muito legais, colegas que faziam os dias serem mais divertidos. Sabe aquela amiga de anos, aquela de vida? Pois é, conheci a minha nessa escola: Ludmila, o tempo passou, mas a amizade continua. O ambiente escolar era bom. Acredito que o momento mais difícil foi o da despedida em 2006, o último ano lá, também tivemos uma viagem de formatura, dessa vez fomos para Caldas Novas. Depois dali muitos do que andavam juntos se separaram, Ensino Médio outros mares para navegar.

Em 2019, tive um reencontro com duas professoras do Ensino Fundamental II, uma de História, Rita, e uma de Educação Física, Viviane, em que lugar? Faculdade de Educação da UnB, na palestra do professor Dermeval Saviani. Juro que pensei que a professora de História fez alguma coisa errada, porque se ela tivesse me doutrinado eu seria uma revolucionária, não aceitaria esse mundo que nos é imposto. Brincadeiras à parte, fez-me refletir sobre o que aprendi de história nesses anos de escola, ainda mais nesses tempos em que essa disciplina e a área

das Ciências Humanas estão sendo tão perseguidas. Aprendi História de uma maneira positivista, cronológica, tendo que memorizar datas e nomes, sem muita interligação dos fatos com a realidade e a dinamicidade do mundo. História das civilizações antigas, das revoluções, das guerras, mas sem conexão com minha vida, sem criticidade, sem reflexões, sem “doutrinação marxista”. Tentando recordar, são pouquíssimos os flashes sobre essa matéria, nada que tenha me feito pensar sobre o mundo em que vivemos, nada que tenha me feito questionar. É triste, porque acho que perdi muito tempo sem ter uma visão crítica das coisas.

No Ensino Médio, fui parar no Elefante Branco, eu não queria sair da minha escola tão querida para ir para aquele lugar que parecia uma prisão. Fiz de tudo para não precisar estudar naquele lugar, mas não teve jeito. Entrei no 1º ano em 2007, odiando a escola, foi um ano terrível, me separaram das minhas amigas, e eu não gostava da minha turma. Saí de lá em 2009, amando aquele lugar, e tendo a certeza que eu não teria sido tão feliz se eu tivesse conseguido que não me matriculassem lá. Estudando no CEMEB tive a oportunidade de fazer um curso de espanhol no CIL de Brasília, e ter as práticas de Educação Física no CIEF.

Os professores eram meus queridos, e tinham muitos. Três anos, muitas matérias, uma grade horária carregadíssima. Fazíamos provão todo semestre, que era uma prova mais voltada para o estilo do PAS e do vestibular. Um trauma que eu tenho até hoje é de análise sintática, um professor de Português do 1º ano, fazia com que analisássemos os textos de Camões. Acredito que nunca li *Os Lusíadas* para gostar do texto, só para realizar essas traumatizantes atividades.

Eu tenho um orgulho de ter passado por aquela escola, eu só sinto por ter conhecido a história dela agora recente, de descobrir só agora algumas pessoas “importantes” que passaram por lá. Sinto de não ter esse sentimento de pertencimento e de reconhecimento enquanto eu estudava.

O engraçado é que da minha trajetória escolar não lembro muito de trabalhos ou conteúdos que marcaram a minha vida. Lembro de professores e relações com colegas, mas não de matérias que mudaram minha forma de enxergar o mundo. Hoje eu paro para refletir se foi comigo ou se é toda uma maneira de como o ensino está estruturado e se atingiu e continua atingindo mais estudantes por aí. Para não

dizer que todo conteúdo ensinado passou sem deixar nenhuma marca, tiveram aqueles que pela maneira que foram abordados, deixaram marcas totalmente negativas e traumatizantes.

Na verdade, lembro de algumas atividades, feiras de ciências, feiras de profissões, visitas, saídas de campo, torneios interclasses e interescolares. Mas é só isso, não lembro de terem mudado minha vida, não lembro de me constituir como sujeito pensante e crítica. Lembro de serem feitas para avaliação. Para computar notas para que eu passasse de série, e deu certo, não repeti nenhuma série na minha jornada escolar. Mas não era o foco que eu entendesse o porquê precisava daqueles conteúdos, daqueles conhecimentos.

Pronto, formei no Ensino Médio e agora? Não lembro de ter decidido uma profissão específica, qual era o meu sonho do que ser quando crescer, mas talvez passasse pela minha cabeça a advocacia ou a medicina veterinária (já que sempre fui apaixonada por animais). Porém não foi por esse rumo que minha vida seguiu. Nessa época não lembro de ter foco para passar na UnB, tanto é que nem aproveitei o PAS e o vestibular. Mas não queria perder tempo (que depois eu percebi que talvez não foi o caminho certo, mas é isso aí estamos na vida para errar e acertar mesmo) e já fui doida atrás de faculdade particular para encontrar um curso para fazer. Escolhi um que daria para minha mãe pagar, Gestão em Recursos Humanos, nem sabia de que se tratava, mas era um curso barato e rápido. Depois eu poderia focar em um concurso público, porque acho que esse sim era meu sonho, ser uma servidora pública.

Em 2012 terminei o curso, fui eu que li o juramento da profissão na formatura, eu acho que não vou usar aquilo na vida. Ainda não tinha me descoberto naquela área, os trabalhos, as atividades ainda só serviam para avaliações e para a conquista do diploma. No final de 2013 fiz o ENEM, e com a nota consegui entrar na Universidade de Brasília, passei um ano fazendo Letras-Tradução-Espanhol e mais uma vez não era o que eu buscava para minha vida. Entrei toda feliz porque estava em uma Universidade Federal e sairia com um diploma da UnB, mas repensei o que passei no outro curso que fiz e vi que não queria mais um diploma inútil no meu currículo, além disso, ficava pensando que era dinheiro público investido em um curso que não me identificava, decidi trancar.

No final de 2015 fiz o ENEM novamente, queria um diploma da Universidade de Brasília, mas queria em um curso que me realizasse. Queria Administração, Ciências Contábeis ou Gestão de Políticas Públicas, mais uma vez cursos voltados para que me ajudassem a ingressar no serviço público. Minha nota de corte não deixou, então coloquei como 1ª opção o curso de Pedagogia e como 2ª o curso de Letras-Português.

No 1º semestre de 2016 estava voltando para a UnB. Muita gente falou que eu devia focar nos concursos públicos porque eu já tinha feito uma “faculdade”, mas para mim não era suficiente, não me realizava. Decidi encarar o desafio de ser professora, e nesse início era isso mesmo que eu pensava do curso, formação de professores de crianças, mas eu estava enganada. Quantas possibilidades temos para escolher para atuação e quanto temos para aprender em cada disciplina que fazemos na Graduação em Pedagogia.

Nos primeiros semestres ainda não tinha descoberto o que eu estava fazendo e o porquê de estar ali, toda noite, na Faculdade de Educação. Não entendia os textos, não sabia nem falar o nome dos autores. Mas, quando tive aula de Psicologia da Educação, com a professora Marly de Jesus Silveira, no primeiro semestre de 2017, comecei a ver que as teorias começavam a fazer sentido, o que Piaget falou sobre o desenvolvimento eu pude ver acontecendo com a Isabella, filha do meu primo e minha afilhada, com três anos nessa época. Aí então comecei a lembrar do que nos ensinaram no primeiro semestre, do que o professor Francisco José Rengifo-Herrera, falava nas aulas de Perspectivas do Desenvolvimento Humano, no que era dito nas aulas de Formas de Expressão da Criança de 0 a 6 anos, pela professora Maria Aparecida Camarano Martins. Tudo começava a fazer sentido e tudo era ligado

Hoje, finalizando o curso, é que posso perceber a importância de cada disciplina quando caloura, cada texto para leitura, e que bom que pelo menos ao final consegui ter essa percepção. Hoje é que eu posso dizer que entendo um pouco sobre a educação, o ensinar. Entendo que não é questão de transmitir conteúdo, é questão de entender os conteúdos, saber o porquê das coisas e fazer sentido com elas. E se eu tivesse essa visão do ensino que tenho agora no passado, acredito que meu tempo dentro das instituições escolares teria sido muito melhor

aproveitado. E o melhor, é que depois do meu primeiro SR eu pude perceber o quanto a menção era o de menos, e que o que importava mesmo era o que eu estava tirando de aprendizado.

Uma das coisas que nos deixa muito preocupados na graduação é sobre o que tratar no trabalho de conclusão. São tantas possibilidades, tantas áreas fantásticas, a gente se perde durante o curso para tomar essa decisão, escolhe um tema, muda, escolhe outro, muda de novo. Também passei por esse processo de indecisão e pensei que no meu 4º semestre já havia descoberto sobre o que eu queria falar: a Educação de Jovens e Adultos. Fiz essa escolha desde quando cursei a disciplina de Educação de Adultos com o professor Rodrigo Matos de Souza, quando conheci o Paulo Freire e comecei a ler sobre ele e seus textos, quando participei do IV Encontro Regional de Educação de Jovens e Adultos da Região CO (IV EREJA - CO) e do XXVI Encontro de Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores - EJAIT. Já no 5º semestre, havia definido que não mudaria meu foco, fiz um trabalho de observação para a disciplina de Didática Fundamental em uma escola no Plano Piloto que oferta essa modalidade, e quando na aula de Processo de Alfabetização pude entrar em uma sala de aula da EJA para dar aula, apesar de não ter sido uma grande atuação, mas serviu para que eu percebesse os desafios de ser professora dessa modalidade.

Foi assim que meu olhar havia se voltado para a Educação de Jovens e Adultos, conhecendo algumas realidades das escolas, escutando relatos de quem já passou por essa modalidade, lendo alguns textos que abordam o assunto, inquietando-me com o discurso diferente da prática. A história que essa modalidade carrega me chamou atenção. Em um primeiro momento o que vinha na minha cabeça sobre a EJA era a alfabetização de idosos, hoje minha visão se ampliou. Eu vejo a diversidade naqueles sujeitos, o quanto isso pode agregar valor e significados ao ensino. Eu vejo que é uma modalidade que o pensamento crítico pode ser trabalhado todo dia dentro de sala de aula, que o ensino pode ser diferente e que deve ser diferente, que deve pensar nas especificidades dos sujeitos e nos conhecimentos de vida que carregam em sua bagagem pessoal.

Mas, no meio do caminho havia uma pedra. Passei três semestres tentando escrever sobre a Educação de Jovens e Adultos, uma modalidade que me encantou

e que imaginei que seria certo que iria escrever sobre, mas não foi possível. Apesar de gostar muito, apesar do meu professor orientador ministrar a disciplina na FE, não era o que estava me dando vontade de conversar em um domingo de manhã. A professora Paula Cobucci, com quem fiz os projetos 3.1 e 3.2, falava que o processo de escrita do TCC teria que fazer isso conosco, nos dar vontade de levantar cedo em um domingo para escrever, e desde então venho carregando isso na minha cabeça. Mais um semestre acabando e a pressão de que se eu não escrever este trabalho posso ser convidada a sair da Universidade sem me formar. Imagina, depois de quatro longos anos, indo toda noite para o campus: nadar, nadar, nadar e morrer na praia. Não finalizar a graduação só por não escrever, com certeza me frustraria para o resto da vida.

Muito tempo angustiada, mas sempre com uma ideia pulsando na minha cabeça: Por que não falar sobre o Leia, o projeto que fez parte praticamente de toda a minha trajetória de formação, algo que mexeu comigo, algo que me fez pensar na educação de outra maneira? Tomei minha decisão, seria sobre o Leia que trataria no trabalho final. Criei coragem e escrevi um e-mail dramático para o professor Rodrigo falando da minha decisão e perguntando o que ele achava. Como resposta obtive um “**Jessica, vai**” que me fez abrir um sorriso e mudar o rumo do que eu estava fazendo. E foi o que fiz: fui. Parei para escrever um pouco da história do Leia, da sua formação, da sua organização, de como foram esses anos de atividades nesse projeto de extensão universitária. E é esse o meu trabalho de conclusão, tratar sobre minhas memórias no projeto, apesar do processo de escrita ser difícil para mim, a práxis diretamente relacionada com o objeto de pesquisa colaborou muito para a produção do texto.

1. INTRODUÇÃO

Falar sobre o Leia é falar sobre grande parte da minha trajetória na graduação, nada mais justo que deixar esse projeto, que faz parte da minha formação, que faz parte da minha vida, registrado no meu trabalho final de curso. Foram cinco semestres que os meus sábados eram sagrados para estar no Leia, eram de estar no Pedregal¹, levantar cedo para ir à rodoviária do Plano Piloto e pegar o transporte da UnB que nos levava ou algumas vezes pegar ônibus de linha mesmo. Quarenta, cinquenta minutos para ir, o mesmo tempo para voltar, tínhamos duas horas e meia com as crianças, tempo escasso, mas estávamos lá. O projeto foi a minha oportunidade para vivenciar a prática pedagógica, tendo em vista que, nesse período, eu trabalhava como terceirizada no Ministério da Economia, e o horário do meu trabalho não me permitia estar em uma sala de aula para o estágio e o contato com o fazer pedagógico.

Este trabalho surgiu da vontade de começar a construir uma história sobre o projeto, a partir do relato de algumas memórias do que foi feito nesses dois anos e meio de atividades. Não tenho a pretensão aqui de achar que a história e tudo que foi feito no Leia se resume às minhas memórias, até porque não participei de todos os encontros, mas posso dizer com satisfação que estive na maioria deles, o que demonstra que é uma parte que não pode ser desconsiderada. Além disso, pretende-se que as informações disponibilizadas possam contribuir para futuros estudos, mais profundos e sistemáticos sobre o projeto. Se não fizermos registros, o acontecido pode se perder com o tempo, com as mudanças, por isso faz-se necessário produzir documentos.

Escrever sobre o Leia se justifica por se tratar de um dos pilares que fazem a Universidade de Brasília ser o que ela é, a Extensão Universitária, parte indispensável no processo de formação, mas que muitas vezes não é tão valorizada quanto a Pesquisa e o Ensino. É uma tentativa de tornar visível o que está sendo feito como projeto de extensão, por sua extrema importância, e mostrar que o fazer pedagógico saiu da Universidade para encontrar a comunidade, ainda mais em tempos em que as Universidades Públicas estão sendo atacadas e seu valor para a

¹ A região do Pedregal será caracterizada na seção 2 – Contextualizando.

sociedade sendo questionado. A escrita deste trabalho se deu por reflexões de uma experiência pessoal como participante do projeto e também através da análise de documentos de registro organizados pelas participantes ao longo dos semestres.

Além de pensar na divulgação da extensão, neste trabalho se pensa sobre as vivências e as experiências no projeto como um espaço de formação docente, apesar de estar em um espaço não-formal de aprendizagem. É objetivo deste trabalho apresentar e pontuar o quanto participar dessas atividades contribui para que se forme uma profissional qualificada para os desafios pedagógicos de uma sala de aula, e indo além, sendo capaz de formar uma profissional com pensamento crítico e voltada para formação integral do educando, inquieta, atenta e sensível à realidade que está a sua volta e, disposta a ser um vetor de transformação social. De acordo com Freire (1996, p.62):

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógica-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. (FREIRE, 1996, p. 62)

O presente trabalho está estruturado em cinco seções, sendo que a primeira busca contextualizar o projeto e a segunda contar sobre como ele surgiu. A terceira seção contém informações sobre como o projeto é organizado e a quarta traz um panorama do que foi feito nesses anos. A quinta seção é onde estão pensados alguns desafios para o prosseguimento e manutenção do projeto e em sequência, algumas considerações sobre o que foi dito.

2. CONTEXTUALIZANDO

O Projeto Leia é um projeto de extensão da Universidade de Brasília, coordenado pelo Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses, que teve o início das suas atividades no 2º semestre de 2017. Nesse período o projeto não estava formalizado, situação que perdurou por mais um semestre, quando o professor Erlando e algumas estudantes da graduação envolvidas com a criação do projeto buscavam sua aprovação no Decanato de Extensão da Universidade. Foi aprovado no 2º semestre de 2018².

Foi definido como o principal objetivo do projeto, o incentivo à leitura para crianças de 04 (quatro) a 10 (dez) anos, com a perspectiva de democratizar o acesso aos livros e à leitura, no Pedregal, bairro do município do Novo Gama/GO, região do Entorno Sul de Brasília/DF³. O projeto se baseia em uma proposta de ações e atividades voltadas para a prática de leitura, seja ela em que suporte for oferecida: livros, vídeos, filmes, curtas, gibis, letras de músicas, poemas, contos, literatura de cordel. Acredita-se na leitura como um instrumento capaz de transformar as realidades e formar cidadãos mais conscientes e participativos.

A história do Projeto Leia – Leitura e Ação Lúdico-Pedagógica para crianças, está intrinsecamente ligada ao Projeto Formância – Formação Integrada e Emancipadora de Acesso à Educação Superior, ao Serpajus – Serviço de Paz Justiça e Não-Violência, ao Professor Dr. Erlando da Silva Rêses e ao bairro do Pedregal. Torna-se necessário, então, apresentar um breve resumo desses componentes importantes para a criação do projeto.

O Serpajus⁴ é uma organização civil, filantrópica, sem fins lucrativos, fundada em 1987, com sede localizada no bairro do Pedregal, no município do Novo

² Projeto Leia – Leitura e Ação Lúdico-Pedagógica para Crianças e Biblioteca Comunitária. Proposta de Ação de Extensão nº 59584. Edital PIBEX nº 01/2019. Data de início 25/06/2018.

³ Os Municípios do Estado de Goiás, Valparaíso de Goiás, Cidade Ocidental, Novo Gama, Luziânia, Cristalina, Águas Lindas, Santo Antônio do Descoberto compõem o Entorno Sul do DF (RÊSES e SILVA, 2015).

⁴ Serviço de Paz, Justiça e Não-Violência, que funciona na Quadra 602, Lote 02, Pedregal, Novo Gama/GO. Site: www.serpajus.com.br

Gama/GO, e que vem desenvolvendo lutas em favor da melhoria das condições de vida da população do município. Atualmente é desenvolvido um trabalho de Educação Ambiental, com a prática de produção e plantio de mudas para a revitalização e recuperação dos Ribeirões Paiva e Santa Maria localizados na região.

A organização mantém uma parceria com o Projeto Leia, cedendo o espaço da sua sede para o funcionamento do projeto e também desenvolvendo as atividades referentes às práticas de Educação Ambiental com as crianças. Além disso o Serpajus abriga uma Biblioteca Comunitária, um projeto da Universidade anterior ao Leia, que também é utilizada para o trabalho de incentivo à leitura desenvolvido com as crianças.

O Formancipa é um programa de extensão da Universidade de Brasília realizado durante as manhãs dos sábados, voltado para os jovens do ensino médio, numa interação com os graduandos da UnB. O programa tem atuado desde 2012 em regiões periféricas, especificamente nos municípios do Entorno Sul de Brasília/DF, e tem como objetivo facilitar a aquisição e produção de conhecimentos de diferentes áreas para garantir o acesso à Educação Superior, voltado para a elevação da escolaridade de egressos e de estudantes da fase final do ensino.

O Formancipa já desenvolveu suas atividades na sede do Serpajus, mas a demanda de alunos que participavam do projeto foi diminuindo nos semestres e foi necessário mudar o lugar de atuação, continuou no Entorno Sul de Brasília/DF, mas agora no Valparaíso/GO. Foi da inquietação das estudantes que participavam do Formancipa, que surgiu a ideia de se criar um projeto para trabalhar com as crianças daquela região.

O professor Erlando da Silva Rêses é professor Associado da Faculdade de Educação (FE) na UnB, organiza e coordena o Projeto Leia, o Programa Formancipa e o Programa Pós-Populares – Democratização do Acesso à Universidade Pública Pelo Chão da Pesquisa, que visa incentivar o ingresso de estudantes na Pós-Graduação (especialização, mestrado e doutorado) em universidades públicas, por meio da construção coletiva do projeto de pesquisa em estreita relação com a realidade social. As três ações de extensão da UnB, coordenadas pelo professor, se

integram, pelos seus públicos: uma lida com crianças, a outra com jovens e a última com adultos. Ambos os projetos são realizados por meio da concepção de uma educação popular e uma perspectiva emancipadora (CARVALHO, 2018) e estão cumprindo os princípios constitucionais de indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão das Universidades.

O Pedregal é um bairro do município do Novo Gama/GO, localizado no Entorno Sul de Brasília/DF, distante 49 km da UnB. É uma comunidade que tem uma população de 108.883 habitantes, conforme contabilizado pela Pesquisa Metropolitana por Amostra de Domicílios (PMAD, 2017). Uma região desassistida de políticas públicas efetivas, em que se percebe problemas resultantes da falta de atuação do Estado, como a falta de saneamento básico, a ausência de urbanização, além de problemas com infraestrutura e segurança e que, conforme Rêses e Silva (2015), tem uma população composta por pessoas de baixa renda e baixa escolaridade, possuindo assim um quadro econômico desfavorável. De acordo com o Atlas da Violência (2017), o município do Pedregal ficou na 20ª posição das cidades mais violentas do país em 2015.

O professor Erlando possui uma vinculação histórica com o local, já que na adolescência e em sua juventude morou na região e participou do Serpajus, o que facilitou os desejos de se pensar ações de extensão nessa área. Após o trabalho com o Programa Pós-Populares e o Programa Formancipa, o Projeto Leia surge com uma mudança de perspectiva de público-alvo, passando agora a atuar com crianças, para que se desenvolvessem novas atividades na região.

3. E FOI ASSIM QUE TUDO COMEÇOU...

Como foi dito, em anos anteriores, o Formancia era ofertado no Pedregal, na sede do Serpajus, utilizada atualmente pelo Projeto Leia. No local foi criada uma Biblioteca Comunitária, com uma grande quantidade de exemplares. Mas, com a mudança de local de atuação do programa de extensão, ficou sem visibilidade e sem uso. O incômodo com a Biblioteca parada e a inquietação das estudantes que participavam do Formancia⁵, que muitas vezes não tiveram espaço para atuar na coordenação pedagógica do programa, foi o impulso para ocupar o espaço ocioso e aproveitar o material ali encontrado.

Adelaide⁶ Alves Ribeiro, estudante da Pedagogia que participava do Formancia, ajudando na limpeza e conservação da Biblioteca Comunitária, pensou que estava na hora desta voltar a ter uso. A existência da Biblioteca foi uma grande aliada para a criação do Leia e, até hoje, tem uma função de suporte e apoio ao projeto, correspondendo com a definição de biblioteca como um espaço que deve estar a serviço da comunidade, como relatam Araújo e Oliveira (2005, p.42):

A Biblioteca é um organismo vivo a serviço da comunidade; nela obtemos respostas às nossas mais diversas indagações. O lugar de destaque que ela ocupa no mundo atual decorre da importância que a informação tem para cada sociedade. Assim, a biblioteca participa do aprimoramento intelectual, humanístico, técnico e científico de todos os segmentos sociais. (ARAÚJO e OLIVEIRA, 2005, p. 42)

A vontade de se criar naquele espaço um projeto direcionado para crianças com a perspectiva do incentivo à leitura, dando utilidade ao acervo da Biblioteca, foi compartilhada com outras estudantes. Essas outras estudantes que também participavam do Formancia e que também estavam incomodadas com a falta de uso de uma biblioteca tão rica, e de um espaço que poderia ser muito útil para o desenvolvimento de diversas atividades, decidiram embarcar na ideia da Adelaide e estavam dispostas a encarar esse desafio.

⁵ O Formancia foi por um tempo, uma das únicas opções de estudantes da Pedagogia para realizar os Projetos 3, 4 e 5, e atuar em uma ação de extensão dentro da Universidade, tendo em vista ser realizado aos sábados.

⁶ A Adelaide foi a estudante que teve a ideia para a criação do Projeto Leia, mas em decorrência de problemas pessoais ela não chegou a participar efetivamente dele.

A ideia foi desenvolver um trabalho pedagógico para alcançar crianças, já que quando existiam atividades no espaço, estas eram voltadas para os jovens. As crianças foram escolhidas como o público-alvo em função delas serem vistas nas ruas da redondeza. Com um novo projeto, teria um novo espaço para a prática pedagógica, parte essencial do processo formativo docente. Assim, quem não conseguia atuar efetivamente no Formancipa, poderia colocar em prática a teoria que foi aprendida durante o curso.

Após conversas com o professor Erlando e de um aval para pensar no projeto, começaram os trabalhos: fazer o planejamento, pensar em qual seria o seu real objetivo, que nome teria, em qual horário seriam as atividades, quais atividades seriam desenvolvidas, o que seria feito, como seria feito, para quem realmente seria destinado, com quantas crianças seria possível desenvolver as atividades no espaço disponível, como seria feita a divulgação. Nesse ponto de partida, que aconteceu no final do primeiro semestre de 2017, se envolveram as discentes: Jéssica Ribeiro Penha da Silva, Jessica Wanzeller da Silva, Laylyee Paula Galvão, Silvana Ferreira Alves, Maria Clébia Pereira Martins, Kamila Araújo de Lima e Raquel Simão Maia.

Depois de direcionar o início do projeto, foi feita uma divulgação no bairro, com as estudantes batendo de porta em porta, entregando folders, explicando como e onde funcionaria, comunicando as propostas de atividades.

O primeiro momento do Leia já em ação foi a participação em um bazar organizado pelo Serpajus para a manutenção da sede. O projeto não tem recursos financeiros vindos da Universidade, então optamos por contribuir com o bazar para arrecadar fundos para comprar materiais, lanches e contribuir com água, luz e internet utilizados no espaço. O bazar também foi o momento encontrado para se fazer as inscrições, já que é um evento que atrai a comunidade e poderia dar maior visibilidade ao projeto.

A proposta inicial era trabalhar com no máximo quarenta crianças, tendo em vista o tamanho do espaço e a quantidade de educadoras disponíveis para desenvolver as atividades. Foram dezoito inscrições, suficientes para começarmos. O primeiro encontro do projeto aconteceu no dia 21 de outubro de 2017.

4. A ORGANIZAÇÃO DO PROJETO

O Projeto Leia é um projeto de Extensão Universitária, com uma proposta educativa realizada em um ambiente não-formal de aprendizagem, na qual pensa a educação para além das escolas, porque acredita-se que, conforme Brandão (2005), é na vivência e na convivência que a educação acontece e isso se dá em toda parte, sendo a escola apenas um dos espaços possíveis para a prática educativa: um lugar e um tempo passageiros. O Leia não está ligado às escolas locais e não é uma escola nova na região, mas pode atuar no sentido de complementá-las. Se relaciona com o que diz Gohn (2006, p.28):

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a resolução de problemas coletivos, cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao redor. (GOHN, 2006, p. 28)

O que é desenvolvido com as crianças não é pensado na lógica da educação formal, que é a educação associada às instituições escolares, com suas avaliações, currículos, diretrizes, certificações e titulações. O projeto é pensado para favorecer o pensamento crítico, os interesses coletivos e contribuir com a formação de sujeitos capazes de promover mudanças sociais. Reis (1996) nos fala que a extensão universitária vem apresentando uma linha de ação *processual-orgânica*:

que tem como característica o desenvolvimento de ações de caráter permanente, imbricadas ou inerentes ao processo formativo (ensino) e à produção de conhecimento (pesquisa) da universidade, em parceria político-pedagógica com a sociedade civil ou política, numa dimensão mutuamente oxigenante e mutuamente transformante.” (REIS, 1996, p. 41)

E é dessa maneira que o projeto se caracteriza, imbricado no processo formativo e de produção de conhecimento, democratizando a ciência, na perspectiva de ser um espaço vinculado à academia capaz de intervir para a mudança. Entender o que é proposto é importante para o conhecimento das estudantes que irão atuar como educadoras e também para os responsáveis que levarão suas crianças para participar, para não se confundir a ideia do projeto de extensão com uma prática assistencialista, por estar em um município desassistido pelo poder público.

Tendo em conta a importância do domínio da língua escrita dentro de uma sociedade letrada, o valor do conhecimento e o quanto este pode definir as posições sociais dos sujeitos e, de acordo com o que diz Freire (1997) sobre como nos moveríamos melhor no mundo caso estudar e ler fossem fontes de alegria e prazer, o Leia tem como seu principal objetivo incentivar a leitura, com a perspectiva de democratizar o seu acesso e o acesso aos livros, de modo que esse hábito se torne fonte de alegria e prazer para as crianças.

Em concordância com Souza (2012), sabemos que a prática da leitura é algo que está presente na sociedade em que vivemos, e que o sujeito que a pratica não precisa de alguém para interpretar o mundo por ele, ele com a autonomia intelectual conquistada, consegue fazer suas próprias considerações. Por essa razão, nos preocupamos em colocar as crianças, em maior contato com os livros e a leitura, para que eles, munidos dessa ferramenta de inserção social, possam interpretar o mundo por conta própria e assim transformá-lo.

O projeto busca ser um espaço que preza pela prática da leitura e de sua disseminação, através de um maior contato com as histórias, com atividades culturais, com a arte, com o meio ambiente, de uma maneira lúdica e divertida, na tentativa de ampliar o contexto social das crianças, partindo de onde elas estão para o mundo, muitas vezes desconhecido. Podendo assim contribuir na formação de sujeitos leitores, autônomos, críticos e conscientes da realidade que os rodeia, para que possam construir sentidos a partir do que leem, como parte das suas vidas. Acreditamos que a partir da leitura é possível transformar realidades e ampliar os horizontes, que a prática da leitura é uma possibilidade de transformação das crianças, das pessoas que estão ao seu redor e também da comunidade em que vivem.

O Estatuto e Regimento Geral da Universidade de Brasília tem em seu art. 52 que “A extensão tem como objetivo intensificar relações transformadoras entre a Universidade e a sociedade, por meio do processo educativo, cultural e científico” (UnB, p.9, 2011). Assim, o principal objetivo do projeto, coaduna com o que se espera das ações de extensão, por se propor por meio da democratização do acesso à leitura e aos livros a ser um processo de transformação da realidade em que atua.

A faixa etária das crianças que participam do projeto é de 04 (quatro) a 10 (dez) anos, o objetivo é proporcionar uma prática pedagógica com experiências múltiplas de imaginação, criação, brincadeiras, que possam desenvolver a autonomia das crianças, entendendo que elas são seres integrais, considerando suas necessidades cognitivas, emocionais, corporais e sociais, e que precisam de liberdade para vivenciar esses processos.

Devido à diferença na faixa etária, sabemos que as crianças não têm os mesmos interesses, não querem as mesmas coisas, aprendem de forma diferenciada, que as atividades propostas para certa idade muitas vezes não servem para as outras e que nem tudo atrai a atenção do mesmo jeito. E, além das especificidades de aprendizagem, nos deparamos com histórias de vida diferentes, e que precisam ser levadas em consideração, porque sabemos que o que as crianças carregam não fica para fora do portão e influenciam diretamente no desenvolvimento das atividades, nas aprendizagens, nos comportamentos. Por isso, precisamos aprender a lidar com essas questões que ultrapassam o fazer uma atividade, precisamos aprender a perceber essas crianças, a compreendê-las, a ter um olhar sensível sobre elas, uma escuta atenta, chamada por REIS (2000, p.136) “de amorosidade: que é o desenvolvimento da capacidade de escutar/ouvir/pensando o outro e falar/pensando, levando em conta o outro que ouve/escuta.” Dessa maneira, o que é proposto para ser desenvolvido no projeto pode ser bem feito.

As educadoras⁷ que realizaram as atividades eram em sua grande maioria, estudantes da Pedagogia, matriculadas nos Projetos 3, 4, 5⁸ ou vinculadas à Extensão Universitária. Na Faculdade de Educação, o projeto começou a ser divulgado pelas participantes do primeiro semestre e, assim, foi possível que um número maior de estudantes se interessasse em atuar no Leia. Por ser um projeto colaborativo, a participação não se restringiu ao curso de Pedagogia. No último semestre de atividades do projeto, o segundo de 2019, foi possível contar com uma

⁷ Opto por utilizar o feminino ao me referir às estudantes que participaram do Projeto Leia, tendo em vista que nesses cinco semestres a grande maioria de participantes que atuaram como educadoras foram estudantes do sexo feminino.

⁸ Os Projetos na Faculdade de Educação, conforme o currículo do curso de Pedagogia (FE/UnB, 2002), são matérias obrigatórias, exceto o Projeto 3.3. São momentos para a articulação prático-teórica, envolvendo Ensino/Pesquisa/Extensão. São desenvolvidos no âmbito das diferentes áreas temáticas e a integração desde os primeiros semestres da graduação que pode auxiliar as estudantes na constituição de seu Trabalho Final de Curso.

estudante de Arquitetura e Urbanismo, com um voluntário sem vínculo com a Universidade e também com os participantes do Serpajus.

A divulgação do projeto na comunidade é feita uma semana antes do início das atividades, que ocorre seguindo o calendário acadêmico. Nesse momento é feita uma breve apresentação da proposta do que será realizado, do objetivo de estarmos ali e é feito o convite às crianças. É feita uma busca ativa, as educadoras vão de porta em porta fazendo a divulgação pelas ruas da comunidade, próximas à sede do projeto, chamando as crianças, conhecendo o contexto social e a realidade em que estão inseridas. Essa realidade é reiterada durante o desenvolvimento das atividades e nos momentos de interação e contato com as crianças.

O primeiro e o último encontro do semestre são organizados com atividades diferenciadas, para que as crianças tenham, respectivamente, um desejo de retornar para as atividades seguintes e, um desejo de retornar no semestre seguinte, tendo em vista que não há uma obrigatoriedade na frequência e nem na permanência delas. Dentre essas atividades, já organizamos um passeio a uma livraria; já passamos um dia em uma chácara; já recebemos uma autora de livros infantis; já organizamos comemorações festivas, como festa junina, dia das crianças.

Conhecer uma escritora se alinha à importância do contato com os livros e com o hábito da leitura. Muitas vezes a autoria de livros é associada a pessoas que já morreram ou que estão muito distantes da nossa realidade. Portanto, ver, estar perto, conhecer alguém que escreve pode ser um estalo para as crianças perceberem que escrever também está ao seu alcance, e que também é possível que elas sejam escritoras ou que algo que elas queiram muito possa se tornar realidade. Fazer essa aproximação da autora com as crianças de uma comunidade periférica, em que o acesso às tecnologias, às atividades culturais e aos direitos mais básicos já é restrito, é de extrema importância.

A organização do Projeto Leia e a atuação no desenvolvimento das atividades durante os encontros, propicia às educadoras a prática de sua formação docente, sendo um rico espaço de aprendizagem mesmo considerando que a atuação se dê em um espaço não-formal, confirmando assim que estar fora do contexto escolar não limita a prática pedagógica.

Trilla (2008) escreve que a escola nem sempre é a instituição mais adequada para atender todas as necessidades e demandas educacionais, e que assim, surge a necessidade de criar, paralelos a ela, outros espaços educativos. Espaços que não são necessariamente opostos ou alternativos à escola, mas que podem complementá-la, e que são os espaços que passaram a ser chamados de não-formais. Não é uma proposta do Leia se opor ou ser uma alternativa à escola, mas acredita-se que pode ser um espaço capaz de complementá-la, sendo parte do processo formativo de estudantes da graduação, ou seja, uma possibilidade de se colocar em prática a teoria aprendida.

O projeto torna-se mais um espaço de atuação da profissional da pedagogia, e corrobora com o que Gohn (2014) afirma sobre a educação não-formal, que as ações desenvolvidas são intencionais, que os indivíduos têm uma vontade, decidem como vão realizá-la, e buscam as maneiras, as ferramentas, os métodos para tal. Assim, mesmo não sendo uma sala de aula da educação formal, no Leia é possível e necessário relacionar o que foi aprendido nas disciplinas na Faculdade de Educação, a fim de colocar em prática a teoria, tendo em vista que, o que é realizado precisa de intencionalidades e propostas.

Dentre as atividades das educadoras, podemos citar: a administração do projeto, do espaço, do transporte, das matrículas, das crianças, da alimentação, das frequências; o planejamento dos encontros, das atividades, das histórias, dos materiais utilizados; e a administração do desenvolvimento das atividades realizadas com as crianças.

Este processo de adaptação da teoria da educação formal na prática em encontros da educação não-formal é um grande aprendizado e faz parte da nossa formação. Torna-se, então, necessário o cuidado para não transformar o ambiente do projeto em uma escola tradicional, não levando para os encontros as características próprias das instituições escolares, as cobranças, as avaliações, as obrigações, o caráter formal e a hierarquia, limitando a flexibilidade do que pode ser feito no estabelecimento de temas ou atividades e até mesmo na criação e organização dos espaços utilizados.

É preciso empenho e disposição para colocar em prática o que é aprendido na graduação porque, apesar de não possuir as limitações de uma escola e por atuar em uma região desassistida, pode se pensar que o projeto trata de assistencialismo, algo livre e sem intencionalidade nas ações. O projeto se dá por meio de propostas pedagógicas planejadas e direcionadas para o desenvolvimento de atividades com as crianças, sendo a extensão universitária um momento significativo na formação docente, propiciando a troca de saberes entre a Universidade e a sociedade.

Para Rêses (p.17, 2015) há um certo pensar de que o que é tratado na academia é indiferente ao que acontece fora dela, e esse pensamento direciona a extensão para apenas uma prática assistencialista, desvinculada do saber acadêmico. No Leia atua-se para que seja possível perceber a extensão como “intervenção na realidade e o retorno de uma retroalimentação do ensino e da pesquisa” (Rêses, p.17, 2015), aproximando o espaço acadêmico à periferia urbana de Brasília, no caso específico, ao Pedregal.

As atividades do projeto são planejadas no início do semestre, antes do primeiro encontro com as crianças. Um calendário prévio é organizado com as datas dos sábados em que haverá atividades, seguindo o calendário acadêmico. São pensados os temas e as histórias que poderão ser trabalhados, esse planejamento é feito pensando nas crianças, voltado para elas, no que elas podem querer ou pensando em algo partindo da realidade delas, para que faça sentido e para que suas experiências de vida não sejam excluídas do trabalho que será realizado. A ideia é trabalhar os temas partindo de histórias, em seus diversos formatos, de uma maneira divertida e lúdica. A proposta é de pensar esse planejamento de forma conversada e decidida coletivamente, não de uma maneira unilateral por parte das educadoras.

Este planejamento semestral conta com algumas possibilidades de temas, histórias e atividades que poderão ser desenvolvidas. A organização de um calendário, que é passível de mudanças e é bem flexível, acontece para que as atividades não fiquem soltas durante as semanas, para que o planejamento não seja feito de última hora. Caso surja algum tema durante os encontros ou alguma demanda das crianças sobre determinado assunto, eles são encaixados no calendário.

Além disso, durante o semestre é possível que convidados participem do projeto, sempre após a reflexão do porquê dessa participação. Sabemos o que eles vão fazer e nos responsabilizamos pelo restante do tempo para não ficar espaço vazio entre as atividades. Exemplificando essa situação, foram ao projeto convidados para participar da realização de oficinas (Abayomis e criação de brinquedos com material reciclado) e também para a contação de histórias (“As tranças de Bintou” e “O casamento da Ratinha”).

Além do planejamento do calendário semestral, é preciso semanalmente confirmar o que será feito no sábado e pensar como isso será feito, no porquê de ser feito, no que será utilizado, qual será o tema norteador, quais atividades serão desenvolvidas, qual educadora será responsável por essas atividades, quais dinâmicas e oficinas serão feitas, qual história, como e por que ela será contada e qual será seu suporte: um vídeo, um livro, um desenho.

Durante esses anos, ao acompanhar com um olhar mais atento as crianças, foi possível perceber que algumas delas, pela idade, já deveriam saber ler e escrever, mas não sabem. Em função disso, tentamos trabalhar com as crianças de uma forma que também pudesse contribuir para o desenvolvimento delas na escola. Os materiais da disciplina Processos de Alfabetização e Letramento são muito úteis para o desenvolvimento das atividades no projeto, mesmo que a alfabetização não seja o principal objetivo, ela faz-se necessária para se trabalhar com a leitura.

Nas aulas de Alfabetização na Faculdade de Educação, aprendemos a importância de algumas práticas. Ao utilizar o teste da psicogênese, por exemplo, podemos tentar entender em que estágio da escrita alfabética a criança se encontra, nos ajudando a observar dificuldades e potencialidades, para então propormos atividades. Foi possível colocar em pauta a questão da relevância do nome para os sujeitos, desenvolvendo crachás de identificação. Além disso, a partir de sequências didáticas pode-se trabalhar de diversas formas com as histórias contadas.

Na matemática, algumas crianças já relataram que possuem alguma dificuldade, então pode ser trabalhado o ensino a partir do conhecimento adquirido em Educação Matemática. Os jogos matemáticos são opções lúdicas para lidar com as dificuldades fazendo com que as crianças percebam que a Matemática não é

complicada. O que aprendemos em Didática Fundamental pode ser utilizado para o planejamento das atividades e para a organização dos “planos de aula”. Mesmo tendo como ponto de partida as histórias, as oficinas podem ser organizadas para serem atividades facilitadoras das dificuldades das crianças, não deixando de lado a diversão e a ludicidade propostas pelo projeto. Entendo então, que o conhecimento adquirido nas disciplinas é adaptável para as ações do Leia que, quando integrado ao contexto da comunidade, confirma a potencialidade da prática da educação não-formal. Uma das primeiras atividades realizadas nos semestres é a elaboração de combinados de convivência. Essa definição de combinados é feita de maneira coletiva, com as educadoras e as crianças, e que se renova a cada início de projeto, uma vez que a cada novo semestre são novas crianças e novas educadoras participando. A intenção não é impor regras do que deve ou não ser feito, ou como agir ou não agir, mas de se fazer acordos para que durante o semestre as atividades possam ser desenvolvidas fluidamente, para que se tenha um bom convívio entre educadoras e crianças e entre as próprias crianças. Indo ao encontro com o que afirma Freire (1997, p. 48):

É algo de relevante importância encontrar caminhos democráticos para o estabelecimento de limites à liberdade e à autoridade com que evitemos a licenciosidade que nos leva ao “deixa como está para ver como fica” ou ao autoritarismo todo-poderoso. (FREIRE, 1997, p. 48)

Alguns exemplos desses combinados estão relatados nas *memórias* do projeto:

Não brigar; Não xingar; Se trouxer brinquedos, deixar na sacola até a hora de brincar (horário de esperar os pais); Pode levar o livro mais de uma vez; Devolver o livro que levou para casa; Não desperdiçar comida; Escutar o outro falar; Jogar o lixo, no lixo; Levantar a mão para falar; Respeitar uns aos outros. [Memória do Projeto Leia]

Chamamos de *memória* o documento onde são feitos os registros dos encontros: sua elaboração é responsabilidade de alguma das participantes. O objetivo da *memória* é a documentação de informações pontuais. É um processo interessante de registro que, quando bem elaborado, torna possível uma percepção completa do que aconteceu no encontro.

Eu, particularmente, gostava de fazer as *memórias* e fui responsável pela elaboração de muitas delas. Quando a escrita era minha responsabilidade, além das

informações pontuais, eu adicionava o máximo de detalhes possíveis e procurava não deixar de registrar nada do que foi conversado. Para exemplificar, disponibilizo um desses documentos que produzi como apêndice deste trabalho.

Essa *memória* corresponde ao que Silva e Pereira (2016) discorrem sobre o gênero discursivo diário, suporte em que o diarista escreve sobre os fatos mais interessantes sobre o seu dia e onde são transcritos pensamentos e sentimentos que se eternizam na escrita. Este trabalho só se tornou possível por existirem esses documentos, por ser possível revisitar o que foi escrito sobre o que foi feito no projeto.

Como parte do fazer pedagógico, somos organizadoras dos espaços e das atividades, temos um cronograma com uma rotina, pensamos na intencionalidade das experiências, sendo um processo contínuo de aprendizado. A relação entre educadoras e crianças é baseada no diálogo, na troca de saberes, aprendendo e ensinando ao mesmo tempo. De acordo com Freire (1996, p.13), “não existe docência sem discência e, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. A proposta é que as crianças estejam no centro do processo de ensino-aprendizagem e que sejam os sujeitos ativos de suas aprendizagens.

As atividades estavam sendo desenvolvidas aos sábados, no horário de 09:30h às 12h, em encontros semanais com as crianças. Nesse período, tínhamos uma rotina organizada em função do tempo limitado para realizar o que havia sido preparado, mais para a organização do que para limitar e engessar as atividades que poderiam ser feitas. As educadoras se organizavam para que houvesse um rodízio na execução das atividades, assim todas poderiam ter oportunidades e experiências amplas ao participar de todas as etapas do projeto.

A rotina dos sábados era dividida basicamente em:

- 1) Dinâmica inicial: trata-se de uma acolhida, para conectar crianças e educadoras, que pode ser um alongamento, uma conversa, uma introdução ao tema que será desenvolvido no encontro;

- 2) Recolhimento dos livros que as crianças levaram para casa na semana anterior, e uma conversa sobre essa leitura que elas fizeram;

3) Breve lanche;

4) Contação de história, que pode acontecer como uma apresentação de teatro, com fantoches, com músicas, com filmes, com uma leitura do livro, etc;

5) Oficina: uma atividade prática, lúdica, relacionada à história que foi contada, com produção de materiais, pinturas, desenhos, escrita, propiciando a criatividade das crianças;

6) Dinâmica final do encontro: uma brincadeira ou algo para nos despedirmos e encerrarmos a manhã, algo que faça uma retomada, uma reflexão do que foi trabalhado;

7) Entrega dos livros: momento em que as crianças podem escolher um livro do acervo, para levarem para casa e lerem durante a semana. No início do semestre as crianças recebem uma sacola para o transporte dos livros, contando sobre sua importância e sobre o cuidado necessário.

8) Reunião das educadoras: momento para uma reflexão sobre o que foi feito no encontro, o que precisa ser melhorado, o que está dando certo, se os objetivos planejados foram alcançados, essas informações são formalizadas na *memória*. Esse momento corresponde com a escrita de Freire (1996), em que se pensa criticamente o que foi feito, para que se possa melhorar a próxima prática.

5. UM POUCO DO QUE FOI FEITO NESSES ANOS

O primeiro semestre do Leia foi o piloto, de nos mostrar para a comunidade, fazer a divulgação das nossas propostas, convidar as crianças.

Nosso primeiro momento como Projeto Leia na região foi na participação e colaboração com o bazar organizado pelo Serpajus para o arrecadamento de dinheiro objetivando a manutenção da sede da organização. Aproveitamos a oportunidade do evento, em que a participação da comunidade é boa, para reforçar a divulgação do projeto e fazer as matrículas das crianças. Conseguimos dezoito inscrições e arrecadamos dinheiro suficiente para dar início às atividades.

Imagem 1 - Bazar Serpajus



Fonte: Acervo Projeto Leia (2017)

O primeiro encontro com as crianças aconteceu no dia 21 de outubro de 2017, com um lanche especial e pintura de rosto, além de uma caça ao tesouro para encontrar um baú cheio de livros, representando o ponto inicial de encontro das crianças com o objetivo do projeto: o incentivo à leitura. Neste primeiro contato, expusemos alguns livros e deixamos que as crianças escolhessem a história a ser lida. O livro escolhido foi “O homem que amava caixas”, escrito e ilustrado por

Stephen Michael King, e eu fui a educadora a fazer a leitura. Ao contar a história mostrando as imagens e dando destaque a algumas falas, foi perceptível o quanto o momento foi proveitoso, as crianças estavam atentas e ao final compartilharam suas opiniões do que mais gostaram do texto.

Imagem 2 - Primeiro dia do Leia



Fonte: Acervo Projeto Leia (2017)

Foram sete semanas com as crianças, contando com leituras, oficinas e até participações de convidados. Teatro, confecção de brinquedos de materiais reciclados e *Abayomis*⁹, trabalhos voltados para a questão ambiental, canções, brincadeiras, atividades que proporcionaram que as crianças pudessem se expressar. A ideia da Adelaide deu certo, conseguimos passar o semestre realizando as atividades, conhecendo as crianças e a comunidade.

⁹ Há algumas narrativas sobre a origem das bonecas *Abayomis*. Uma delas, que remonta à diáspora do período colonial, conta que as mães africanas ensinavam seus filhos e filhas a criarem bonecas utilizando retalhos de suas saias. As *Abayomis* eram feitas de tranças ou nós, que serviam como amuleto de proteção. A partir dessa narrativa, as pequenas *Abayomis* são vistas hoje como um símbolo do poder feminino, resistência e como amuletos de afeto e proteção. (OLIVEIRA, 2019)

Alguns exemplos dessas atividades foram registrados nas *memórias*. Apresento alguns trechos dessas *memórias*:

- Oficina de brinquedos: as crianças foram ensinadas a confeccionar dois brinquedos, o corrupio e a galinha, a partir de garrafas pet e cartolina. [Memória Leia 28/10/2017]
- A partir da leitura do livro *Ivyra Poty*, a protetora das águas, foi feita a colagem de sementes do cerrado em um papel pardo com formato de árvore e um momento de canção com as crianças (“A árvore da montanha olê, aí, aô...”). [Memória do Leia 04/11/2017]
- Leitura do livro “As tranças de Bintou”, oficina de confecção de Abayomis. [Memória do Leia 11/11/2017]

O último encontro do semestre, foi no dia 02 de dezembro, com um passeio à livraria Cultura e, ao final, as crianças ganharam livros. Concordamos com Souza e Carrera (2017, p. 55) quando afirmam que “não existe leitor sem objeto de leitura, seja este livro, jornal, página da internet, rede social, ou mesmo uma outra pessoa que lhe conte uma história”, por essa razão damos prioridade aos livros e aos gibis, na hora de presentear as crianças, para que elas tenham seus exemplares em casa e esse contato instigue nelas cada vez mais o prazer pela leitura. Nos encontros podemos lhes contar as histórias, mas, nos momentos que elas não estão no projeto, desejamos que elas possam ter seus próprios objetos de leitura.

Imagem 3 - Passeio à livraria Cultura



Fonte: Acervo Projeto Leia (2017)

Em 2018, com o início do semestre, ocorreram mudanças das educadoras, o que se deu com frequência ao longo desses anos: poucas educadoras ficaram no projeto por mais de um semestre. Nesse período, tivemos a greve dos servidores e estudantes e, sem o transporte disponibilizado pela UnB, atuamos em um regime de carona coletiva para que o projeto não parasse e o vínculo com as crianças, que ainda estava começando a ser formado, não se quebrasse.

Foram poucos os encontros no 1º/2018. Além da greve, o semestre contou com muitos feriados nas sextas e nos próprios sábados, o que inviabilizou a realização do projeto nessas datas, tendo em vista que o deslocamento é feito com o transporte da universidade.

Apesar da baixa quantidade de encontros, nos que puderam ser realizados, as crianças foram personagens principais na contação de histórias, participaram das encenações. Isso nos mostrou a diferença no comportamento das crianças quando elas estão atuantes, quando são ativas e agem para além de só escutar ou ver alguém contar histórias. Foi possível notar também como elas interagem melhor quando não acontece somente a leitura do livro, mas quando esta leitura se torna mais dinâmica, o que atrai mais a atenção delas. Essa leitura mais dinâmica acontecia na encenação das histórias, na utilização de fantoches e na participação das crianças como personagens. Na contação da história “Menina bonita do laço de fita”, por exemplo, as crianças fizeram parte da encenação como os personagens do livro. A música “Aquarela” foi contada a partir de fantoches das imagens que aparecem na letra. E a história “Uma Joanhinha Diferente” foi encenada através da caracterização de uma das educadoras.

No segundo semestre de 2018, entre os temas trabalhados, o protagonismo foi da questão ambiental. Gomes, Campos e Ramos (2020) ressaltam que os problemas ambientais cada vez mais se agravam, “colocando em risco a manutenção e a sobrevivência da diversidade de vida no planeta” (2020, p.168) e que é preciso que os processos educacionais assumam papel político, não neutro, para atuar na formação de sujeitos capazes de realizar a transformação da realidade social e ambiental que vivenciamos e que necessita de mudança. Ao optar por trabalhar este tema, nos recusamos a assumir a postura neutra, escolhemos nos colocar em um papel de intervenção para colaborar na luta contra os problemas

ambientais encontrados na região, e contribuir com a formação das crianças com uma perspectiva de transformação da realidade em que vivem.

Fizemos em um dos encontros de setembro, a criação das mudas que são replantadas pelo município e em outubro, saímos para realizar o plantio das mudas na beira do Ribeirão Santa Maria. Foi uma experiência incrível, colocar a mão na terra, nos sujarmos por ter um contato mais próximo com a natureza (o que na área urbana é bem limitado e mais difícil de acontecer), nos juntar àquelas pessoas preocupadas com os problemas ambientais e que são envolvidas nessa ação para tentar recuperar o que tem sido destruído. Daqui alguns anos poderemos passar por ali e saber que plantamos aquelas árvores, que fomos sujeitos de transformação, e ao olhar para o que fizemos pensar que contribuimos para a recuperação de um local desmatado.

Essa experiência nos leva ao encontro do pensamento de Alves (2006, n.p.):

Sonho com o dia em que as escolas, deixando de lado tudo o que a tradição escolar acumulou e endureceu, se transformarão em “escolas de jardinagem”, em que as crianças, desde pequenas, serão ensinadas a amar e cuidar da nossa Terra. Porque se a Terra não for cuidada, se a Terra, nossa mãe, morrer, de que servirão todos os saberes acumulados? Por acaso saberemos viver em desertos? (ALVES, 2006, n.p.)

Como já foi dito, o projeto não é uma escola, mas colocando em prática o que disse Rubem Alves tentamos, nas oportunidades que temos, ensinar as crianças a amar e cuidar da Terra, tendo em vista que acreditamos que o debate sobre a temática ambiental é essencial e faz-se necessário nos espaços educativos, sejam eles escolas ou não.

Imagem 4 - Criação de mudas na sede do Serpajus



Fonte: Acervo Projeto Leia (2018)

Imagem 5 - Plantio de mudas no Ribeirão Santa Maria



Fonte: Acervo Projeto Leia (2018)

Ao nos aproximarmos das eleições, optamos por colocar o tema em pauta. Procuramos uma história relacionada e a escolhida foi “A Eleição dos Bichos”, que explica para as crianças, de uma maneira divertida e dinâmica, o funcionamento do processo eleitoral. Após a leitura do livro, houve uma conversa com as crianças para entender o que elas sabiam sobre. Como oficina, fizemos uma eleição com as crianças, brincando de expressar a cidadania através do voto, que foi divertido. Elas confeccionaram seus títulos eleitorais, formaram as chapas, decidiram seus números de campanha, elaboraram propostas para melhoria da comunidade em que vivem, fizeram debates para a exposição dessas propostas, votaram, e elegeram uma chapa feminina, um importante passo para se pensar a participação feminina na vida política.

Imagem 6 – Chapa vencedora das eleições no Leia.



Fonte: Acervo Projeto Leia (2018)

Por ser uma das poucas opções de disciplinas aos sábados, no primeiro semestre de 2019, o projeto chamou atenção de muitas estudantes que acabaram por se matricular. Devido à grande quantidade de participantes – uma situação incomum, optamos por fazer uma divisão em dois grupos para que se fizesse um

rodízio de atividades e todas conseguissem participar. Em um sábado o Grupo A ficava planejando as atividades do sábado seguinte, enquanto o Grupo B estava no desenvolvimento das atividades, o inverso acontecia na semana seguinte.

Um dos pontos positivos da quantidade de participantes no projeto, foi o processo de divulgação que chamou bastante atenção. Colocamos fantasias, fizemos cartazes e saímos, como de costume, pelas ruas próximas para convidar as crianças, conversar sobre o que é o projeto e fazer a distribuição de folders com essas informações. Além da divulgação, parte do grupo ficou responsável pela organização do espaço que ocorreu no mesmo dia.

Imagem 7 - Divulgação do Projeto



Fonte: Acervo Projeto Leia (2019)

Foi um semestre produtivo, principalmente em relação às histórias. As contações foram mais dinâmicas, uma vez que houve diversificação na maneira de contá-las: as leituras foram feitas sempre com cenários ou algum tipo de caracterização das educadoras. Algumas fotos a seguir mostram essa prática.

Imagem 8 – Contação da história “A Revolta dos Livrinhos”



Fonte: Acervo Projeto Leia (2019)

Imagem 9 – Contação da história “A Princesa e o Sapo e a higiene pessoal”



Fonte: Acervo Projeto Leia (2019)

Imagem 10 – Contação da história “Faniquito e Siricutico no Mosquito”



Fonte: Acervo Projeto Leia (2019)

Apesar da boa prática de contação de histórias, a divisão gerou um espírito de competitividade entre as educadoras. Aconteceu uma disputa para saber quem fazia a melhor contação de histórias, a melhor oficina e até sobre quem organizava o melhor lanche. Essas atitudes vão ao encontro com o que Souza (2020) defende sobre a cultura brasileira, que tem um aspecto em que as pessoas são muito competitivas.

Para finalizar o semestre, organizamos uma Festa Junina, onde fizemos brincadeiras, dançamos quadrilha e teve muita comida, o que foi muito divertido. Foi um dos encontros que mais passou rápido, o tempo foi curto para o que havia sido organizado e na hora da animação percebemos que teríamos que ir embora.

Imagem 11 - Festa Junina do Leia



Fonte: Acervo Projeto Leia (2019)

Em função da grande demanda de estudantes que participaram nesse semestre do projeto, foi possível solicitar como atividade uma reflexão sobre o que foi feito, um relato de experiência das educadoras. Segundo Larrosa (2019, p.18), “É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma”. Muito do que foi relatado na atividade nos mostra que participar do Leia, se envolver, estar em contato com as crianças, oportunizou ter essa experiência de algo que “nos passa” e assim é capaz de formar e de transformar, como profissional, como ser humano:

Alguns dos relatos dessas experiências serão transcritos a seguir, as educadoras serão identificadas por nomes fictícios, optando assim por manter o sigilo de suas identidades.

O Projeto Leia, durante o primeiro semestre de 2019, me mostrou os muitos meios em que a leitura (e ação) atua na vida das crianças, além de ressignificar o meu olhar sobre o curso de Pedagogia por conta da prática. A prática no/e do projeto nos leva, alunos, a conhecer uma realidade diferente, um espaço diferente. A prática nos transforma do mesmo modo que a leitura

também pode transformar, e a junção das duas torna o projeto tão lindo e importante para as crianças e para as educadoras. [Vitória]

Agradeço imensamente à todas aquelas crianças que me fizeram perceber o mundo com outros olhos, que me fizeram entender que a educação pode acontecer de diversas maneiras, e que o mais importante sempre será o aluno, aquele que representa a motivação do nosso dia a dia. Poder colocar em prática tudo aquilo que vi na faculdade, me fez reviver para entender que a Pedagogia vai muito além de um livro didático, hoje consigo afirmar com certeza que sou uma pessoa diferente, que como professora, acredito tanto que a educação muda o mundo, que vi ela mesma me mudar. [Carla]

Oficinas, contação de histórias. Muito aprendizado e diversão. Vocês (crianças) mudaram minha vida. Foi uma verdadeira explosão. Como futura pedagoga. Ensinei e aprendi. Pois disso se trata a vida. Amar e nunca desistir. [Tatiana]

Por meio da experiência tive a oportunidade de desenvolver como educadora e ser humano aprendi muito com as crianças bem como, empatia, respeito, reconhecimento e valorização da identidade dos diferentes sujeitos. Entender que a educação acontece por meio de trocas, relações em um processo dialógico entre professor, aluno e comunidade. [Mariana]

Até 2018, a graduanda Silvana Ferreira Alves estava à frente do projeto e mantendo permanente contato com o professor Erlando. No início de 2019, ela informou que não iria mais participar. Precisávamos de outra pessoa para assumir, e essa pessoa fui eu. Foi uma experiência desafiadora já que não gosto de falar para muita gente, e tive que falar; não gosto de controlar e cobrar as pessoas, mas tive que fazer isso, para manter o mínimo de organização. Participo desde o início do projeto, observando, opinando, questionando, tentando entender o seu papel na comunidade e agindo de forma mais reflexiva que prática. Até a saída de Silvana do Leia, eu estive nos bastidores, fazendo uma atividade ou outra, tratando mais de questões burocráticas e apesar de achar que não conseguiria assumir aquele papel, por conta do meu perfil, consegui e aprendi muito. Para Larrosa (2019, p.25):

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2019, p.25)

Ao “assumir”¹⁰ à frente do projeto, eu precisei ter certeza das nossas propostas, dos nossos objetivos. Ao estar no Leia eu precisei interromper o ritmo que eu levava para que algo me acontecesse, assim, pude me formar e me transformar. Nos encontros precisei parar para olhar, para escutar, para sentir, para prestar atenção nos detalhes, precisei ter paciência, precisei me calar, e me envolver de verdade com aquelas crianças e com a proposta do projeto. Atualmente me sinto mais segura em conversar, argumentar e defender o Leia, sua proposta e importância naquela comunidade enquanto projeto de extensão.

Para deixar registrado sobre a minha experiência no Projeto Leia, sobre quem era a Jessica antes e a Jessica depois do projeto, eu utilizo uma pergunta feita por uma das educadoras “Quais os impactos que o projeto causa em você?”, e a minha resposta:

Às vezes me causa um mal estar muito grande, porque eu vejo a diferença da nossa vida para a vida daquelas crianças que aparecem por lá, é o que muitos já falaram, é um choque de realidade muito grande. Indignação porque vemos que falta iniciativa do Estado intervir nessas comunidades, falta também iniciativa da Academia de estar nesses lugares para fazer estudos, pesquisas, investimentos. Mas causa também um orgulho muito grande como pessoa, de saber que eu estou ali cumprindo uma obrigação de devolver para a sociedade aquilo que eu recebo de graça na UnB. Saber que podemos levar coisas diferentes para aquelas crianças. O carinho que recebemos apesar de algumas confusões. Eu que estou ali desde o início, é gratificante perceber a mudança de atitude de muitas crianças que chegaram de um jeito extremamente difícil, mas com muita insistência e paciência hoje parecem outras crianças. É gratificante saber que tem como, só precisa tentar e insistir. Esses dois anos de contato com as crianças, com a comunidade, me fez alguém melhor, me fez alguém que quer continuar fazendo a diferença e que acredita que pequenas atitudes geram impactos enormes ao menos na vida de uma criança e isso é o que importa. Se não podemos mudar o mundo, podemos mudar um mundo.

No 2º/2019, tivemos uma baixa muito grande de educadoras para atuar no projeto, a mudança repentina de um semestre com muitos participantes dispostos a desenvolver atividades e outro, em seguida, com quase ninguém, nos fez mudar alguns planos. Essa questão nos levou a refletir sobre a atuação de uma professora dentro de uma sala de aula. Normalmente, no dia a dia ela atua sozinha com suas vinte crianças, sem monitoria nenhuma, é ela e ela. Por que nós, seis pessoas não

¹⁰ *Assumir* está entre aspas porque está mais relacionado com organização do que com as decisões serem exclusivamente minhas, estas estavam reservadas ao professor Erlando, coordenador do projeto.

daríamos conta das vinte crianças que frequentam o projeto? Por isso, ao optar por estar no Projeto Leia e pensá-lo como um espaço para se dedicar às atividades propostas, torna-se necessário pensar em se adaptar à quantidade de educadoras que estarão atuando ou não.

Alguns dos temas trabalhados no semestre, já haviam sido colocados em prática em outros, porém agora abordados de uma nova maneira, através de novas histórias e oficinas. O meio ambiente foi um tema recorrente por acontecer as atividades de criação e de plantio das mudas que, com a parceria com o Serpajus, é possível realizar anualmente.

Valemo-nos sobre o questionamento de Freire (1996, p. 17):

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes? (FREIRE, 1996, p. 16)

No Leia não fechamos os olhos para o descaso do poder público com aquela comunidade, optamos assim por aproveitar essa realidade concreta para refletir criticamente sobre a situação e também para realizar um movimento que busca mudanças. Ao pautarmos a questão de não poluir as nascentes e de plantar mudas estamos agindo no agora, começando a pensar em alternativas para aquilo que está dado, mas que não é determinado, já que conforme Freire (1996) somos seres condicionados aos nossos tempos, espaços, culturas, sociedades, mas que esse mesmo condicionamento não é determinante do que podemos nos tornar, pois reconhece que “a História é um tempo de possibilidade e não de determinismo” (1996, p.11).

O projeto atua em uma comunidade que tem um contexto social vulnerável, que não tem acesso aos seus direitos essenciais, que está em contato direto com a poluição e com a insalubridade. Segundo Rêses e Silva (2015):

As áreas urbanas são compostas por ocupações de terras, que se constituem em áreas de risco devido à ausência de urbanização que faz com que as pessoas vivam em aglomerados urbanos insalubres e a população exposta a constantes riscos à saúde, sujeitas às mais diversas epidemias. As nascentes e os mananciais existentes apresentam preocupantes níveis de poluição e degradação e mesmo destruição da

vegetação que compõem as matas ciliares, pois não existe planejamento nem preocupações por parte dos poderes públicos local com os desmatamentos e nem com depósitos e tratamentos de resíduos. (RÊSES e SILVA, 2015, p. 95)

Essa realidade ainda é atual no município, mudanças não foram percebidas em relação à região. O Pedregal continua sendo um local em que o saneamento básico não é para todos, ainda possui lixão a céu aberto e, por essas razões, as questões do lixo, da reciclagem e do cuidado com o meio ambiente estiveram presentes nas temáticas do Leia.

Conforme Oliveira, Domingos e Colasante (2020) para que haja a superação dos problemas ambientais, é necessário despertar nas pessoas o sentimento de pertencimento entre elas e a natureza, deve haver uma conexão entre o ser humano e o local em que vive. Tratar destes temas tem como objetivo estimular nas crianças uma consciência de cuidado com a natureza e de cuidado com o local onde elas vivem para que elas possam ser um vetor de transformação das suas realidades.

Imagem 12 - Plantio de mudas nas ruas do Pedregal



Fonte: Acervo Projeto Leia (2019)

Ao longo dos semestres, observou-se o aumento de crianças frequentando o projeto. Começamos em 2017, com onze crianças participantes e no último semestre elas eram dezoito frequentes. Apesar da não obrigatoriedade de presença das

crianças, uma contagem era feita para acompanhar a frequência delas. Esse “controle” era mantido para uma melhor organização e para entendermos as ausências das que deixaram de participar do projeto. Fiquei responsável por esse acompanhamento, o que me aproximou bastante das crianças, sendo mais fácil identificá-las pelos seus nomes e também ter uma melhor percepção na participação delas nos encontros.

No decorrer desses anos, foi possível perceber que as crianças se conhecem, interagem e até se desentendem fora do projeto e levam todas as amizades e conflitos para os encontros. Elas são vizinhas, são das mesmas famílias, estudam nos mesmos colégios e em alguns casos estão nas mesmas turmas na escola.

As crianças podiam levar todo sábado um ou dois livros para casa, fazer a leitura e, na semana seguinte, compartilhar algo que gostou, alguma reflexão ou até mesmo realizar a leitura oral da história. Confeccionamos sacolas de pano para que elas pudessem carregar os livros emprestados, reforçando a necessidade de ter cuidado com os livros e com a sua devolução.

Imagem 13 – Sacolas artesanais pintadas pelas crianças



Fonte: Acervo Projeto Leia (2019)

O último semestre antes da parada obrigatória em função da pandemia do novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2 (COVID-19), foi minha despedida do projeto enquanto espaço de formação na graduação. Daqui para frente serão outras estudantes que se disponibilizarão a dedicar seu tempo ao Leia, que se envolverão efetivamente com o projeto e que, tenho certeza, conseguirão prosseguir com o que tem sido proposto e, se necessário, realizarão mudanças.

Durante a minha trajetória enquanto extensionista pelo Projeto Leia, pude concluir que com várias perspectivas o horizonte se amplia. Por muitas vezes só enxerguei que o projeto não estava dando certo, que não estávamos alcançando o objetivo que havíamos determinado, assumindo uma visão muito crítica sobre nossa atuação. Parecia que o tempo era limitado demais para que pudéssemos proporcionar às crianças algum tipo de experiência que demonstrasse a importância daquele momento. Houve dias que poucas crianças apareceram, houve momentos que pareciam que as crianças não estavam nada interessadas na proposta do encontro, houve dias em que os diálogos crianças-crianças, crianças-educadoras, educadoras-educadoras foi muito difícil. Houve momentos em que pensei se realmente fazia alguma diferença estar ali.

A partir da leitura das memórias, das reflexões feitas e a partir das práticas desenvolvidas com as crianças, pude perceber que o projeto realmente não é perfeito, que é preciso estar sempre em busca de melhorias, mas que até o momento um bom caminho foi trilhado. É sabido que a manutenção do projeto na região é benéfica e que, caso haja necessidade de reinvenção, essa deverá ser feita.

6. DESAFIOS

No ano de 2020 nos deparamos com a situação da pandemia devido ao novo coronavírus, SARS-CoV-2 (COVID-19), o que inviabilizou as atividades em vários setores, inclusive o educacional. A Universidade de Brasília interrompeu o trabalho diário nos seus campus a partir do dia 11 de março, quando foi decretado o estado de pandemia pela Organização Mundial da Saúde. Após alguns meses de suspensão das aulas presenciais retomou suas atividades em modo remoto, com as aulas online. Dessa maneira, para alguns professores esse retorno seria discriminador, tendo em vista que muitos estudantes, principalmente os mais pobres, negros e os que residem em cidades periféricas enfrentaram os desafios dessa modalidade de ensino, como ter o acesso à internet e a computadores (SOUZA, 2020).

Oliveira, Silva e Silva (2020) comentam que as condições de renda e de vulnerabilidade socioeconômica, que implicam diretamente na falta de acesso à internet e a dispositivos digitais, revelam a necessidade de (re)pensarmos o ensino remoto como solução emergencial para a continuidade das atividades. A falta de acesso a essas tecnologias tanto das estudantes da graduação, como das crianças, inviabilizou a implantação desse sistema de atividades remotas para o Leia, o que significou um ano sem atividades do projeto, situação que provavelmente persistirá enquanto a UnB mantiver suas atividades remotamente.

As atividades do projeto seguem o calendário acadêmico e são desenvolvidas presencialmente, na interação com as crianças, nas relações construídas durante o cotidiano e com oficinas práticas, com a maioria das participantes estando em seu processo formativo da graduação. Rondini, Pedro e Duarte (2020) lembram que docentes e discentes estão sendo afetados pela pandemia, sofrendo modificações e interrupções em suas vidas durante o período de isolamento social. Como todas as áreas, o Projeto Leia também precisará se adaptar, sendo necessários novos planejamentos, novas divulgações e reaproximações, tanto de graduandas quanto de crianças. É possível que esse ano distante possa ter desfeito o laço afetivo que foi criado, sendo preciso criar novos vínculos entre as envolvidas com o projeto.

Ao longo do tempo que estive envolvida com o projeto, pensei em algumas questões que me incomodaram e me inquietaram e que, caso permanecesse, colocaria em pauta. Para o prosseguimento do Leia, além das dificuldades impostas pela pandemia, será preciso repensar os desafios que apareceram durante esses anos.

A integração com outras áreas do conhecimento para o desenvolvimento das atividades é uma dessas questões. Foi percebido que é muito difícil trabalhar só com a prática pedagógica sem levar em consideração questões sociais, emocionais e físicas das crianças. É quase impossível colocar em prática os objetivos do projeto deixando de lado todos esses fatores. Segundo Freire (1996) não é possível respeitar os educandos quando se desconsideram as suas condições sociais, econômicas, sendo parte do bom senso do educador considerar as suas condições de existência. Pensar em integrar outras áreas do conhecimento, no sentido dessas também poderem ser entendidas como práticas pedagógicas em um ambiente não-formal de educação, abre possibilidade para perspectivas que muito podem contribuir com o projeto.

Também é necessário ampliar a visibilidade do projeto na Universidade fazendo uma divulgação de suas propostas, de seus objetivos e do que tem sido realizado. Esta prática de divulgação, atrelada a uma participação na Semana Universitária e à produção de registros acadêmicos sobre o projeto, podem viabilizar sua manutenção e sua expansão. Apesar do pouco tempo de atividades, já existem trabalhos finais de curso que tratam sobre o Projeto Leia, escritos pelas estudantes de Pedagogia, Jessica Ribeiro Penha da Silva e Kamila Araujo de Lima.¹¹

A interação com alguns projetos que fazem trabalhos semelhantes, dentro e fora da Universidade, pode proporcionar o compartilhamento de ideias, a troca de saberes e um aprendizado diversificado, ampliando as possibilidades de experiências para as envolvidas.

Outro aprendizado que deve ser considerado essencial é a opinião das crianças em relação ao que acontece no projeto. É preciso escutá-las constantemente para saber o que elas têm pensado sobre as atividades

¹¹ Os referidos trabalhos estão disponíveis na Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília (BDM). <https://bdm.unb.br/>

desenvolvidas e saber o que mais elas gostariam que fosse feito. Afinal, conforme Freire (1996. p. 33) “o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo.” A prática se completa quando há uma devolutiva das crianças, sobre como tem sido as experiências vividas no e através do projeto, tendo em vista que ele é pensado para elas.

Também é preciso atentar-se ao desenvolvimento escolar das crianças e saber como elas estão na escola, porque caso haja demanda por algum tipo de “reforço”, as estudantes, precisam reorganizar o planejamento, o tempo e talvez ampliar os objetivos para que possam ajudá-las também nas questões escolares. Dados estes fatos, é possível pensar em propor um tempo maior para o desenvolvimento das atividades do projeto e, quem sabe, expandir os momentos de encontro, passar a atuar durante a semana com atividades direcionadas para ajudá-las com a escola e aos sábados manter o foco na leitura e nas oficinas.

Dentro da comunidade, é de fundamental importância manter contato com os familiares das crianças, já que é preciso conhecer o que é desenvolvido no projeto e quais os objetivos das ações ofertadas. Os familiares podem também opinar, informar sobre suas percepções sobre o trabalho feito no projeto e se observam interesse das crianças em relação aos livros e à leitura. Esse contato também serve para obter mais informações sobre as crianças e tornar possível um retorno devido sobre elas, seu desenvolvimento, suas produções, seus comportamentos e suas participações.

Um dos grandes problemas do projeto é a falta de financiamento. A participação nos bazares realizados pelo Serpajus contribuiu com as despesas de água, luz e internet, além da compra dos materiais utilizados, lanches e dos passeios realizados. Fora isso, contribuíamos com o possível para que as atividades não parassem. Essas ações podem ser mantidas para a continuação do projeto, porém ainda é preciso repensar formas para a captação de verbas.

O acervo de livros precisa ser renovado já que muitos não foram devolvidos no decorrer dos semestres. Os livros que se mantêm na biblioteca já foram lidos, em sua maioria, pelas crianças, limitando assim as opções de leitura. Um dos pontos principais do projeto é oportunizar às crianças uma relação autônoma quanto aos

livros e à leitura, através do empréstimo realizado semanalmente. Porém, ainda se faz necessário enfatizar a importância da devolução, da coletividade e do cuidado com os livros, para que a oportunidade de uma experiência vivida por uma criança seja possibilitada às demais.

7. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O QUE FOI DITO

O objetivo deste trabalho foi contar um pouco dos dois anos e meio de história do Projeto Leia a partir das minhas memórias e dos arquivos que guardamos durante este período. Busquei pensar no que foi feito no passado, para pensar em possibilidades para o futuro: o que pode ser continuado, o que precisa ser modificado, o que precisa melhorar e o que está faltando. Revisitar o passado, para planejar novos caminhos, procurar saber o que se mantém e o que pode se transformar.

A história do Leia, com seu objetivo de incentivar a leitura através de sua democratização e dos livros, começa intrinsecamente ligada ao Formancipa, mesmo sendo voltados para públicos diferentes. Assumo então que o projeto e o programa podem se cruzar novamente, quando o Formancipa, em um futuro próximo, possa vir a ser uma ponte para que aquelas crianças – um dia participantes do Leia – possam ingressar no ensino superior.

Freire (1996) reconhece que os seres humanos são condicionados pela genética, pela cultura, pela sociedade a que estão submetidos, mas reconhece que tudo isso não é determinante da História, pois ela é tempo de possibilidade, estamos em um mundo que está sendo e não que é, podemos intervir para mudar a realidade. As crianças que participam do projeto estão inseridas em uma realidade em que seus direitos sociais não são assegurados, mas essa situação não determina seus futuros. O Leia tem a intenção de que a democratização da leitura e dos livros se torne possibilidade de transformação dessas histórias.

Aprendemos em um contexto de tanta negação de direito, que o papel do educador não é simplesmente chegar no encontro e desenvolver a atividade que foi proposta sem levar em consideração o contexto. Freire (1996) traz essa questão quando diz que transformar as experiências em puro treinamento técnico é diminuir o caráter formador do exercício educativo. Chegar ao projeto e querer só realizar as atividades sem se envolver com as experiências é se manter num nível muito aquém de formação. Não é possível focar no planejado sem se atentar ao que está acontecendo. O ambiente não-formal de educação do projeto, nos dá liberdade de

mudar o que estava planejado sem cobranças de algum tipo de resultado ou de algum conteúdo que esperava-se ser trabalhado como aconteceria na educação formal.

Com a escrita da monografia me despeço momentaneamente da Universidade de Brasília e me afasto do Projeto Leia, com o conforto de saber que ele continua. Acredito na criação do Leia como uma semente: para a Universidade, cumprindo seu papel social e descentralizando o seu acesso; para as estudantes, pensando e lutando por mais projetos; para docentes em formação, crescendo intelectual, social, profissional e emocionalmente; e, para as crianças que participaram e seus familiares, considerando a Universidade como um espaço acessível a todos.

O Projeto Leia é uma ação de extensão que oportuniza às suas participantes uma experiência formativa múltipla, possibilitando a sua formação como profissional e sua transformação como pessoa. Além disso, com o alinhamento das teorias às práticas, possibilita o encontro e a troca de saberes da Universidade com a comunidade, do conhecimento científico com a vida social, sendo assim capaz de propiciar benefícios à sociedade e à comunidade acadêmica.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. Velhice é o tempo em que já não se cobram obras dos velhos. Porque a obra leva tempo e aos velhos tempo falta. Falta-me tempo. Sobram-me, entretanto, os sonhos. Minha missão de educador é repartir com meus discípulos os meus sonhos. Revista Bons Fluidos, nº 41, set/2006. Disponível em: https://institutorubemalves.org.br/wp-content/uploads/2018/08/BFLUIDOS-0108-02_CAD-41.pdf

ARAÚJO, Eliany Alvarenga; OLIVEIRA, Marlene de. A produção de conhecimento e a origem das bibliotecas. In: OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 29-42.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2005.

BRASIL. GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL. Pesquisa Metropolitana por Amostra de Domicílios – Novo Gama/GO. 2017.

CARVALHO, Iracilda Pimentel et al. Extensão Universitária nos 50 anos da Faculdade de Educação. FE 50 anos: 1966 - 2016: memória e registro da história da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/ Livia Freitas Fonseca Borges, José Luiz Villar, Wivian Weller, [organizadores], - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 47. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estrutura colegiada nas escolas. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, vol.14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. Investigar em Educação, n. 1, p. 35-50, 2014.

GOMES, Claudia Lourenço; Campos, Marília Andrade Torales; & Ramos, Almerilis de Oliveira Ramos. (2020). A pedagogia freireana e suas contribuições para a Educação Ambiental na escola: a resistência em busca da transformação da realidade socioambiental. *Revista Brasileira De Educação Ambiental (RevBEA)*, 15(7), 165-172.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Org.). *Atlas da violência 2017*. Rio de Janeiro: Ipea; FBSP, 2017.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. / Jorge Larrosa; tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. – 1.ed.; 4. reimp.- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

OLIVEIRA, Alini Nunes de; Domingos, Fabiane de Oliveira; & Colasante, Tatiana. (2020). Reflexões sobre as práticas de Educação Ambiental em espaços de educação formal, não-formal e informal. *Revista Brasileira De Educação Ambiental (RevBEA)*, 15(7), 9-19.

OLIVEIRA, Nutyelly Cena de. Bonecas Abayomis e narrativas insurgentes contra o racismo e o epistemicídio. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 6, n.16, 2019.

OLIVEIRA, Sidmar da Silva; SILVA, Obdália Santana Ferraz; SILVA, Marcos José de Oliveira. Educar na incerteza e na urgência: implicações do ensino remoto ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula. *Interfaces Científicas-Educação*, v. 10, n. 1, p. 25-40, 2020.

REIS, Renato Hilario dos. *A constituição do sujeito político, epistemológico e amoroso na alfabetização de jovens e adultos*. 2000. 245 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

REIS, Renato Hilário dos. Histórico, tipologias e proposições sobre extensão universitária no Brasil. *Revista Linhas Críticas, Brasília*, v. 2, n. 2: Caderno 2, p. 41-47.

RÊSES, Erlando da Silva. *Universidade e Movimentos Sociais*. Organização Erlando da Silva Rêses. - 1. ed. - Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2015. Disponível em:

<http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br.df/files/livro_uiversidade_e_movimentos-sociais.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2020.

RÊSES, Erlando da Silva; ROZA PINEL, Wallace. Programa pós-populares: a extensão como práxis educativa nas periferias urbanas de Brasília. *Revista Debates Insubmissos*, Caruaru, v. 2, n. 6, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/article/view/240865/33168>. Acesso em: 26 nov. 2020.

RÊSES, Erlando da Silva; SILVA, Luiz Alves da. *Universidade de Brasília e Movimentos Sociais na periferia da Metrópole: parceria com o Entorno Sul do DF. Universidade e Movimentos Sociais. Organização Erlando da Silva Rêses. - 1. ed. - Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2015*

RONDINI, Carina Alexandra; PEDRO, Ketilin Mayra; DUARTE, Cláudia dos Santos. Pandemia do COVID-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. *Interfaces Científicas-Educação*, v. 10, n. 1, p. 41-57, 2020.

SILVA, Jocelma Boto; PEREIRA, Maria Helena de Melo. Escrever a própria vida: Aspectos Estilísticos do Gênero Diário Pessoal. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, v. 1, n. 2, p. 295-312, 11.

SOUZA, Rodrigo Matos de. *Leitores, Leitura e Círculos: uma perspectiva metodológica. PONTODEACESSO (UFBA)*, v. 6, p. 92, 2012.

SOUZA, Rodrigo Matos de; Hernández-Carrera, Rafael. Representações de percursos formativos de leitores universitários. Quem é realmente o leitor?. In: Barbara Merrill, José González-Monteagudo, Adriana Nizinska, Andrea Galimberti, Miguel A. Ballesteros-Moscocio. (Org.). *Adult Learning, Education Careers and Social Change*. 1ed. Sevilla: Universidad de Sevilla/ESREA, 2017, p. 41-58.

SOUZA, Rodrigo Matos. Quand la politique se manifeste dans un contexte de crise pandémique. In book: *Chronique du vecu d'une pandémie planétaire: Récits d'universitaires, d'Est en Ouest*, premier semestre 2020, p. 195-201.

TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie. *Educação formal e não – formal: Pontos e Contrapontos*. São Paulo: Summus, 2008.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Faculdade de Educação. Projeto Acadêmico do curso de pedagogia. Dezembro de 2002.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Estatuto e Regimento Geral. Brasília: Editora UnB, 2011.

ANEXO A – MEMÓRIA DO PROJETO LEIA DIA 17/08/2019



Memória 17/08/19 Reunião de Planejamento

Participaram do encontro: **Ana Carolina Segundo, Jessica Wanzeller, Lauanda, Marina Olivia, Morgana, Raquel e Stela.**

- Decidimos que as reuniões de planejamento serão às segundas-feiras, de 18h às 19h, na sala de projetos na FE 1, serão feitos os planos de aula para o sábado seguinte. Ficaram de compartilhar uma planilha de plano de aula passada pela professora de didática 😊
- Ficou de ser perguntado para a professora Rosário sobre a possibilidade de grafitar o portão.
- A Lauanda vai ver se vai ter reposição das aulas, porque as crianças ficaram dois meses sem aula.
- Precisamos fazer relatórios individual das crianças para que possamos acompanhar o desenvolvimento delas.
- Vamos marcar um dia para organizar o espaço na parte da tarde, depois do projeto.
- Também ficou de ser perguntado para o Toninho sobre um dia de oficina matemática para as crianças, pela manhã, e à tarde para os monitores.
- Foram citadas como possíveis referências bibliográficas bell hooks (Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade) e Nilma Gomes (professora na UFMG).
- Precisamos ver a quantidade de sacolas literárias que ficaram lá no Serpajus, semestre passado algumas crianças ficaram sem (foi um número bem maior do que nos semestres anteriores). Ver com a Veronica o valor que ela pagou.
- Fazer uma caixinha para as crianças darem o feedback do dia, antes da entrega dos livros.

- Para o **dia 24/8:**

Organizar o espaço, levantar os materiais e jogos que temos para utilizar durante o semestre e fazer a matrícula das crianças.

Para a matrícula, pensamos em ir na casa das crianças que estavam matriculadas no primeiro semestre. Optamos por não fazer a divulgação como foi feita no início do ano, tendo em vista a quantidade de monitores que estarão no projeto esse semestre. Porém, não vamos negar matricular novas crianças. Vamos levar um folder com informações sobre o projeto, sobre o empréstimo e a devolução dos livros, as datas dos encontros e falar que não temos estrutura para ficar com crianças menores de 04 anos.

- Para o **dia 31/8:**

Tema: Emoções

Ver o curta Alike, ver curtas sobre o filme "Divertida Mente"

Dinâmica inicial: apresentação e fazer crachás.

Lanche: pão com margarina e suco, cada um vai levar um pacotinho de bisnaguinha.

História: a definir.

- Fizemos um planejamento em que definimos temas para trabalhar durante o semestre, mas nada imutável, só para organização. Se houver demanda das crianças ou se percebemos que tem algo para trabalhar podemos modificar o planejamento.
- O dia da oficina de matemática é um dia móvel, dependendo da disponibilidade do Toninho para coordenar a atividade conosco.

Agosto	17	Reunião de Planejamento
	24	organização do espaço, matrícula, olhar os materiais que temos disponíveis.
	31	início dos encontros com as crianças. Lanche (pacote de bisnaguinha e suco) TEMA: Emoções
Setembro	14	Combinados. Fotos dos combinados.
	21	Tema: ECA
	28	Semana Universitária - Tentar vir à UnB.
Outubro	5	Confeção de pipas. Bazar das crianças na parte da tarde.
	19	TEMA: Brincadeiras. Alguma coisa de dia das crianças. pintura de rosto
	26	Tema: Halloween. Doces ou travessuras?
Novembro	9	Plantio das mudas.
	23	Oficina de matemática
	30	Dia da escrita do livro. mostrar o que aconteceu no semestre.
Dezembro	7	Reunião de Avaliação
	14	Não temos mais aula. Mas terá bazar de Natal na parte da tarde.

Responsável pela memória: Jessica Wanzeller da Silva.